

temporada oesp 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR
MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA E FUNDAÇÃO
OESP APRESENTAM



RECITAIS OESP
3.12

futuros do passado

3.12 terça 20H30 RECITAIS OSESP

PAULO SZOT BARÍTONO /ARTISTA EM RESIDÊNCIA

NAHIM MARUN PIANO

CLAUDIO SANTORO [1919-89]

/CLAUDIO SANTORO 100

Três Canções Populares [1957-58] [TEXTO DE VINICIUS DE MORAES]

LUAR DE MEU BEM

AMOR EM LÁGRIMAS

CANTIGA DO AUSENTE

7 MIN

Prelúdio para Piano nº 6 (2ª Série, 1º Caderno) [1958]

2 MIN

Prelúdio para Piano nº 4 — "Dança Rústica" (1ª Série) [1948]

2 MIN

Canções de Amor II [1957-59] [TEXTO DE VINICIUS DE MORAES]

JARDIM NOTURNO

PREGÃO DA SAUDADE

ALMA PERDIDA

EM ALGUM LUGAR

A MAIS DOLOROSA DAS HISTÓRIAS

10 MIN

APOIO:



Consulat Général de France
à São Paulo



INSTITUT
FRANÇAIS
BRASIL

/INTERVALO

20 MIN

ERNEST CHAUSSON [1855-99]

Poème de l'Amour et de la Mer, Op. 19 [1882-92] [TEXTO DE
MAURICE BOUCHOR]

LA FLEUR DES EAUX

INTERLUDE

LA MORT DE L'AMOUR

27 MIN

FRANZ LISZT [1811-86]

Paráfrase Sobre Temas do Rigoletto de Verdi [1855-59]

8 MIN

GIUSEPPE VERDI [1813-1901]

Don Carlo: Per me Giunto... O Carlo,

Ascolta... [ÁRIA DE RODRIGO] [1867] [LIBRETO DE

CAMILLE DU LOCLE E JOSEPH MÉRY]

9 MIN

Em 1957, Claudio Santoro foi convidado a participar do Segundo Congresso dos Compositores de Moscou. Na capital russa, o nosso irrequieto compositor, além de reger suas obras e assinar um contrato para publicar duas de suas sinfonias, encontrou tempo para se apaixonar perdidamente por sua intérprete e tradutora, uma linda jovem chamada Lia que, ao que parece, não soube nem quis resistir ao fascínio do impetuoso brasileiro. Mas – esta importuna conjunção adversativa tem o péssimo hábito de estragar belos romances – Lia não só era casada, como também seu marido era um figurão da temível KGB, que providenciou com que Santoro fosse expulso da União Soviética a toque de caixa. Desconsolado, Santoro foi parar em Paris, para esperar sua musa-intérprete. Combinaram que ela tentaria fugir da Rússia, algo que nunca aconteceu. E aí, aqueles santos e anjos que cuidam, no paraíso, do departamento de música vocal produzida aqui na Terra – comprovadamente responsáveis pelos encontros entre Mozart e Lorenzo da Ponte [1749-1838, libretista de *As Bodas de Fígaro*] o de Verdi com Arrigo Boito [1842-1918, libretista de várias de suas óperas] – alinharam mais uma vez seus astros em perfeita harmonia cósmica e fizeram com que Santoro guiasse seus passos à Embaixada do Brasil na França, onde se deparou

com um diplomata que atendia pelo nome de Vinicius de Moraes. E foi assim, do encontro do poetinha com o compositor amazonense, que nasceu o ciclo *Três Canções Populares*, que abre o programa de hoje. Munido dos poemas de Vinicius, Santoro compôs as canções entre 1957 e 58.

O programa segue com dois dos muitos prelúdios para piano criados pela incrível vitalidade compositiva de Santoro. Antes, o de número 6, um *andante molto appassionato* composto em Milão em 1958 como homenagem a Brahms, que integra a segunda série de prelúdios; a seguir, da primeira série, de 1948, o Prelúdio nº 4, denominado *Dança Rústica*.

Mas a parceria Santoro-Vinicius renderia mais algumas pequenas obras-primas para canto e piano além das já mencionadas. Criadas no mesmo período das anteriores estão as cinco peças que constituem o ciclo *Canções de Amor II*, que Santoro, nômade incorrigível, sempre munido de viajante inspiração, compôs nas suas andanças por Sófia, Viena, Leningrado e o Rio de Janeiro.

O destino pregou uma peça de muito mau gosto a esse brilhante compositor francês que foi Ernest Chausson, fazendo-o morrer em 1899 com apenas 44 anos, quando sua bicicleta se chocou com toda a força contra

um muro de tijolos. Seu Opus 19, *Poème de l'Amour et de la Mer*, foi composto durante um intervalo de dez anos, entre 1882 e 1892. É um ciclo para voz e orquestra formado por duas canções, separadas por um interlúdio orquestral, ambas sobre versos de um amigo de Chausson, o poeta Maurice Bouchor: *La Fleur des Eaux* e *La Mort de l'Amour*. Ao final desta segunda canção, Chausson adicionou ainda os quatro últimos versos de outro poema de Bouchor, *Le Temps des Lilas*.

Desde que Paganini escreveu *I Palpiti* a partir de uma famosa *cabaletta* da ópera *Tancredi* de Rossini, virou moda entre os compositores do século XIX criar peças instrumentais usando temas favoritos de óperas que faziam sucesso naquele momento. Uma das peças excelentes que integram essa corrente é a *Paráfrase Sobre Temas do Rigoletto de Verdi*, composta por Franz Liszt em 1859 para ser apresentada num concerto do virtuose de piano Hans von Bülow em Berlim e que é, na verdade, uma série de variações para piano com incríveis dificuldades técnicas sobre uma única passagem da ópera, o célebre quarteto do terceiro ato *Bella Figlia dell'Amore*.

Para sua temporada de 1867, o prestigioso *Théâtre de L'Opéra* de Paris encomendou ao maior operista

italiano da história, Giuseppe Verdi, uma nova ópera de grandes proporções em cinco atos.

Assim nasceu *Don Carlos*, depois traduzida para o italiano com o título de *Don Carlo*, um denso drama lírico baseado na peça homônima de Schiller. Ambientada na Espanha de Felipe II, a ópera discute autoridade, autoritarismo e disputa do poder, além de um tema comum a vários argumentos verdianos: o anseio dos povos oprimidos pela sua liberdade. No quarto ato, Rodrigo, o Marquês de Posa, barítono, vem visitar seu amigo Carlo, o delfim, que foi aprisionado por desafiar seu pai, o inflexível Rei Filipe. Secretamente, Carlo conspira contra o trono espanhol para libertar Flandres, governada pela Espanha com mão de ferro. Rodrigo, percebendo que Carlo está em perigo, resolve salvar o amigo, deixando falsas pistas que isentam Carlo e colocam a ele, Rodrigo, como o líder dos revoltosos. A cena é longa, conhecida como *A Morte de Rodrigo*, e se constitui de duas árias para o barítono. Na primeira, *Per me Giunto*, ele se despede de Carlo e lhe conta que manipulou as provas. A vingança do Rei não tarda: Rodrigo é atingido por um tiro mortal, e pouco antes de expirar, canta a segunda ária, *O Carlo Ascolta*, sublime – uma das melhores passagens criadas por Verdi para esse registro vocal.

SERGIO CASOY

CONFERENCISTA E PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ÓPERA, LECIONOU NA ESCOLA DE MÚSICA DA ECA/USP E É AUTOR DE *A INVENÇÃO DA ÓPERA* (ALGOL, 2007), ENTRE OUTROS LIVROS. APRESENTA O PROGRAMA *BRAVO* DA RÁDIO CULTURA.

CLAUDIO SANTORO

Três Canções Populares [Texto: Vinicius de Moraes]

Luar de meu bem

O meu amor mora longe
Tão longe que nem sei mais
A lua no céu também mora longe
Mas brilha no mar
Assim o meu bem que quanto mais além
Mais me faz pensar
Saudade, meu desespero
É minha consolação
Diz ao meu bem que eu não quero sentir
 mais saudade, não

Amor em lágrimas

Ouve o mar que soluça na solidão
Ouve, amor, o mar que soluça na mais triste solidão
E ouve, amor, os ventos que voltam dos espaços
 que ninguém sabe
Sobre as ondas se debruçam e soluçam de paixão

E ouve, amor, no fundo da noite
Como as árvores ao vento
No lamento se debruçam e soluçam para o chão

Deixa, amor, que um corpo sedento
Como as árvores e o vento
No teu corpo se debruce e soluce de paixão

Cantiga do ausente

Se eu ando assim tão triste
Tão cheio de langor
É porque nada existe pra mim
Sem meu amor

E ela está tão longe
Tão longe que nem sei
E o seu olhar tão lindo não pode nem me ver
E suas mãos morenas já nem podem me acenar
E só me resta esperança de ver meu amor voltar

Com seus cabelos negros
E a sua graça pequenina
E a sua ternura linda
E o seu gostar de mim
Como ela me dizia feliz a soluçar
Eu te amo tanto que já nem sei mais

CLAUDIO SANTORO

Canções de Amor II [Texto: Vinicius de Moraes]

Jardim noturno

Se meu amor distante
Eu sou como um jardim noturno

O meu silêncio é o seu perfume
A se exalar em vão dentro da noite
Ô, volta minha amada

A morte ronda em teu jardim, as rosas tremem
E a lua nem parece mais lembrar de mim

Pregão da saudade

De quem quer minha tristeza
De quem quer minha aflição
Se quiser vendo barato
Fiado não
Não vendo, não

Também tenho uma saudade
Uma saudade de um bem querer
Todos dois dou até dado
Pois não quero mais sofrer

Alma perdida

Alma perdida, teu cantochão
Tão longe, tão sozinho, chegou até mim
Ai, quisera eu tanto
Dizer
Volta, oh alma perdida
Volta, ó alma, vem amar
Vem sofrer

Em algum lugar

Deve existir
Eu sei que deve existir
Algum lugar onde o amor possa viver a sua vida em paz
E esquecido de que existe a dor
Ser feliz, ser feliz
Bem feliz

A mais dolorosa das histórias

Silêncio, façam silêncio
Quero dizer-vos minha tristeza,
Minha saudade e a dor, a dor que há no meu canto
Ó, silenciai
Vós que assim vos agitais perdidamente em vão

Meu coração vos canta
A mais dolorosa das histórias
Minha amada partiu
Partiu, ó grande desespero de quem ama
Ver partir o seu amor

ERNEST CHAUSSON

Poème de l'Amour et de la Mer, Op. 19

LA FLEUR DES EAUX

Pressentiment

L'air est plein d'une odeur exquise de lilas,
Qui, fleurissant du haut des murs jusques en bas,
Embaument les cheveux des femmes.
La mer au grand soleil va toute s'embraser,
Et sur le sable fin qu'elles viennent baiser
Roulent d'éblouissantes lames.

O ciel qui de ses yeux dois porter la couleur,
Brise qui vas chanter dans les lilas en fleur
Pour en sortir tout embaumée,
Ruisseaux, qui mouillerez sa robe,
O verts sentiers,
Vous qui tressaillerez sous ses chers petits pieds,
Faites-moi voir ma bien aimée!

Rencontre

Et mon cœur s'est levé par ce matin d'été;
Car une belle enfant était sur le rivage,
Laisant errer sur moi des yeux pleins de clarté,
Et qui me souriait d'un air tendre et sauvage.

Toi que transfiguraient la Jeunesse et l'Amour,
Tu m'apparus alors comme l'âme des choses;
Mon cœur vola vers toi, tu le pris sans retour,

Et du ciel entr'ouvert pleuvaient sur nous des roses.

Adieu

Quel son lamentable et sauvage
Va sonner l'heure de l'adieu!
La mer roule sur le rivage,
Moqueuse, et se souciant peu
Que ce soit l'heure de l'adieu.

Poema do Amor e do Mar [Publicado em 1876]

Texto: Maurice Bouchor

Tradução de Alexandre Agabiti

A FLOR DAS ÁGUAS

Pressentimento

O ar está repleto de um delicioso aroma de lilases,
Que, florescendo de alto a baixo dos muros,
Perfumam os cabelos das mulheres.

O mar sob o sol resplandecente se abrasa,
E sobre a areia fina que elas vêm beijar,
Rolam ondas deslumbrantes.

Oh, céu, de cujos olhosavas a cor,
Brisa que cantará nos lilases em flor
Para deles sair perfumada,
Regato, que molhará seu vestido,
Oh, verdes veredas,
Vós, que estremecereis sob seus adorados pezinhos,
Deixai-me ver minha bem-amada!

Encontro

E meu coração despertou nesta manhã de verão;
Porque uma bela donzela estava na margem,
Deixando vagar seus olhos claros sobre mim,
E sorrindo com um ar terno e selvagem.

Tu que transfiguravas a Juventude e o Amor,
Tu me apareceste como a alma das coisas;
Meu coração voou em tua direção, tu o tomaste para sempre,

E do céu entreaberto choviam rosas sobre nós.

Adeus

Que som lamentável e selvagem
Ecoará na hora do adeus!
O mar rola na margem,
Zombeteiro e indiferente
Na hora do adeus.

Des oiseaux passent, l'aile ouverte,
Sur l'abîme presque joyeux;
Au grand soleil la mer est verte,
Et je saigne, silencieux,
En regardant briller les cieux.

Je saigne en regardant ma vie
Qui va s'éloigner sur les flots;
Mon âme unique m'est ravie
Et la sombre clameur des flots
Couvre le bruit de mes sanglots.

Qui sait si cette mer cruelle
La ramènera vers mon coeur?
Mes regards sont fixés sur elle;
La mer chante, et le vent moqueur
Raille l'angoisse de mon coeur.

INTERLUDE AU PIANO

LA MORT DE L'AMOUR

En Mer

Bientôt l'île bleue et joyeuse
Parmi les rocs m'apparaîtra;
L'île sur l'eau silencieuse
Comme un nénuphar flottera.

A travers la mer d'améthyste
Doucement glisse le bateau,
Et je serai joyeux et triste
De tant me souvenir Bientôt!

L'Oubli

Le vent roulait les feuilles mortes;
Mes pensées
Roulaient comme des feuilles mortes,
Dans la nuit.

Os pássaros passam, com as asas abertas,
Sobre o abismo quase alegre;
Sob o sol resplandecente o mar é verde,
E sangro, em silêncio,
Contemplando o céu brilhar.

Sangro ao olhar como minha vida
Se afasta sobre as ondas;
Arrebatam-me minha única alma
E o sombrio clamor das ondas
Cobre o rumor de meus soluços.

Quem sabe se este mar cruel
Vai trazê-la de volta ao meu coração?
Meu olhar está fixo nele;
O mar canta e o vento zombeteiro
Caçoa da angústia do meu coração.

INTERLÚDIO AO PIANO

A MORTE DO AMOR

No Mar

Em breve a ilha azul e alegre
Aparecerá entre as rochas para mim;
A ilha sobre a água silenciosa
Flutuará como um nenúfar.

Atravessando o mar de ametista
Desliza lentamente o barco,
E eu estarei alegre e triste
De tanto me lembrar. Em breve!

Esquecimento

O vento fazia rolar as folhas mortas;
Meus pensamentos
Rolavam como folhas mortas,
Na noite.

Jamais si doucement au ciel noir n'avaient lui
Les mille roses d'or d'où tombent les rosées!
Une danse effrayante, et les feuilles froissées,
Et qui rendaient un son métallique, valsaient,
Semblaient gémir sous les étoiles, et disaient
L'inexprimable horreur des amours trépassés.

Les grands hêtres d'argent que la lune baisait
Étaient des spectres: moi, tout mon sang se glaçait
En voyant mon aimée étrangement sourire.

Comme des fronts de morts nos fronts avaient pâli,
Et, muet, me penchant vers elle, je pus lire
Ce mot fatal écrit dans ses grands yeux: l'oubli.

Épilogue: Le Temps des Lilas

Le temps des lilas et le temps des roses
Ne reviendra plus à ce printemps-ci;
Le temps des lilas et le temps des roses
Est passé, le temps des oeillets aussi.

Le vent a changé, les cieus sont moroses,
Et nous n'irons plus courir, et cueillir
Les lilas en fleur et les belles roses;
Le printemps est triste et ne peut fleurir.

Oh! joyeux et doux printemps de l'année,
Qui vins, l'an passé, nous ensoleiller,
Notre fleur d'amour est si bien fanée,
Las! que ton baiser ne peut l'éveiller!

Et toi, que fais-tu? pas de fleurs écloses,
Point de gai soleil ni d'ombrages frais;
Le temps des lilas et le temps des roses
Avec notre amour est mort à jamais.

Nunca tinham brilhado tão suavemente no céu escuro
As mil rosas de ouro de onde cai o orvalho!
Uma dança assustadora, e as folhas enrugadas,
Que emitiam um som metálico, valsavam,
Parecendo gemer sob as estrelas, e revelavam
O inefável horror dos amores defuntos.

As grandes faias prateadas que a lua beijava
Eram espectros: todo o meu sangue gelou
Ao ver minha amada sorrindo de maneira estranha.

Nossas frentes estavam pálidas como as dos mortos,
E, mudo, inclinando-me para ela, pude ler
Esta palavra funesta escrita em seus olhos grandes:
esquecimento.

Epílogo: O Tempo dos Lilases

O tempo dos lilases e o tempo das rosas
Não mais voltará nesta primavera;
O tempo dos lilases e o tempo das rosas
Passou, como o tempo dos cravos.

O vento mudou, o céu está triste,
E não correremos mais para colher
Os lilases em flor e as belas rosas;
A primavera está triste e não pode florescer.

Oh! Alegre e doce primavera,
Que no ano passado veio nos ensolarar,
A flor do nosso amor está tão murcha,
Ai! Que teu beijo não pode reanimar!

E tu, o que fazes? Não há flores abertas,
Nem sol alegre ou sombras frescas;
O tempo dos lilases e o tempo das rosas
Morreu para sempre com o nosso amor.

GIUSEPPE VERDI

Don Carlo: Per me Giunto... O Carlo, Ascolta...

RODRIGO

Uscir tu dei da quest'orrendo avel.
Felice ancor io son se abbracciar ti poss'io!
Io ti salvai!

Convien qui dirci addio!
Per me giunto è il dì supremo.
No, mai più ci rivedrem.
Ci congiunga Iddio nel ciel,
Ei che premia i suoi fedel.
Sul tuo ciglio il pianto io miro...
Lagrimar così perché?
No, fa' cor, l'estremo spiro...
Lieto è a chi morrà per te.

O Carlo, ascolta, la madre t'aspetta
A San Giusto doman.
Tutto ella sa...
Ah! La Terra mi manca...
Carlo mio,
A me porgi la man!...
Io morrò, ma lieto in core,
Ché potei così serbar
Alla Spagna un salvatore!
Ah!... di me... non... ti... scordar!...

*Libreto de Camille du Locle e Joseph Méry
Tradução de Francisco Degani*

Para mim chegou... Ó Carlo, escuta...

RODRIGO

Sairás deste terrível horror.
Estou feliz se posso te abraçar!
Eu te salvei!

Convém agora dizer-te adeus!
Para mim chegou o dia supremo.
Não, nunca mais nos veremos.
Deus nos unirá no céu,
Ele que premia quem lhe é fiel.
Vejo pranto em seus olhos...
Chorar assim por quê?
Não, tenha coragem, o extremo suspiro...
Feliz é quem morrer por ti.

Ó Carlo, escuta, tua mãe te espera
Em San Giusto amanhã.
Ela sabe de tudo...
Ah! O chão me falta...
Meu Carlo,
Dá-me tua mão!...
Morrerei, com o coração feliz,
Pois assim pude deixar
Para a Espanha um salvador!
Ah!... de mim... não... te... esqueças!...



PAULO SZOT BARÍTONO

ARTISTA EM RESIDÊNCIA

—

Paulistano, estreou no Metropolitan Opera (MET) em 2010 com *O Nariz*, de Shostakovich, completando em 2019 sua 7ª temporada no MET com *Madama Butterfly*, de Puccini. Recebeu os prêmios Tony e Drama Desk de melhor ator na Broadway por *South Pacific*. Apresenta-se com frequência com orquestras como a Filarmônica de Nova York, a New York Pops e a Sinfônica de Chicago, em salas como o Lincoln Center e o Carnegie Hall, além do Festival de Ravinia (EUA). Cantou em teatros de ópera como La Scala, Ópera de Paris, Liceu de Barcelona, Bayerische Staatsoper e Real de Madri.



NAHIM MARUN PIANO

ÚLTIMA VEZ COMO SOLISTA EM MARÇO DE 2007

—

Mestre pelo The Mannes College of Music, em Nova York, e Pós-Doutor pela Université Paris-Sorbonne (Paris-IV), estudou piano com Isabel Mourão e Grant Johannesen, além de Musicologia com Koellreutter, Schachter e Pistone. Atualmente é professor da UNESP. Suas gravações receberam o *Diapason d'Or*, o Prêmio Bravo!, Melhores do Ano pela Iberian and Latin Music Society de Londres, sendo ainda recomendadas como "interpretações absolutamente soberbas" pela revista *American Record Guide*.

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

**SECRETARIA DE CULTURA E
ECONOMIA CRIATIVA DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OESP

PRESIDENTE DE HONRA
**FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
STEFANO BRIDELLI

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA



Lei de Incentivo à
CULTURA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Mauro Restiffe

São José do Rio Pardo, SP, 1970

Detalhe da obra **Álbum (Belvedere, 2009)**

Parte de **Álbum**, 1996-2017

políptico de 73 fotografias em emulsão de
prata sobre papel fibra
dimensões variáveis

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Doação do artista – em processo.

Serviços Sala São Paulo

   /osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br